

INDISCIPLINA: CONTRADIÇÕES NO CONTEXTO ESCOLAR

Jheniffer Vieira de Almeida

Universidade do Norte Fluminense Professor Darcy Ribeiro

Resumo:

No ambiente escolar é onde o desejo de disciplina tem sido aclamado, em uma pesquisa promovida pelo IBOPE junto com a Fundação Vitor Civita chamada “Dossiê do educador”; a falta de disciplina dos alunos se encontra em primeiro lugar dentro dos principais problemas encontrados em sala de aula. Frequentemente ouvimos que os alunos de hoje são indisciplinados e que necessitam de disciplinamento. O que se percebe é um desejo de voltar a um passado fortemente controlador como era na Sociedade Disciplinar dos Séculos XVIII-XIX. O sentido de indisciplina não é algo que fica claro dentro das visões encontradas na Escola 12 de Março, ao contrário está sujeito a confusões. O discurso de disciplinamento – da necessidade de silenciar o aluno, de que ele fique quieto e imóvel – é ainda hoje visto dentro da Escola 12 de Março; o que mostra que a escola pouco se modernizou. Nestes termos, o presente trabalho tem por objetivo refletir sobre as visões de disciplina e indisciplina, defendidas pelos atores sociais da Escola 12 de Março. Procurar compreender qual a necessidade das disciplinas e se as mesmas existem devido ao modelo de escola disciplinar do início do século XIX.

Palavras-chaves: escola; disciplinarização; indisciplina.

1. INTRODUÇÃO

Art. 169. Durante a aula ou recreio não poderá o alumno retirar-se sem o consentimento do professor. [...]

Art. 172. É expressamente proibido o estudo em vozeria. [...]

Art. 173. As penas disciplinares são:

- a) Admoestação particular;
- b) Reprehensão em aula;
- c) Privação do recreio;
- d) Tarefa em casa;
- e) Reclusão com tarefa depois dos trabalhos do dia;
- f) Exclusão temporária;
- g) Eliminação. [...]

§3º O professor cuidará em impedir que se forme e desenvolva nas crianças o habito da delação e espionagem.

(ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Collecção de Leis, resoluções não sancionadas, decretos, deliberações e portarias do Governo. 1900. P.499-502)

O capítulo X da Collecção de Leis aborda a disciplina como um conceito de comportamento adequado e descreve as punições, sendo a maior delas a expulsão da

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.

escola, perdendo o direito de se estudar na rede pública. Algo irônico, já que a escola deveria funcionar como instituição educadora, acolhendo ao indisciplinado. Ainda hoje, mesmo com as mudanças, a escola tem um forte desejo disciplinar: “*Hoje está tudo uma bagunça!*”, “*Aluno indisciplinado*”, “*Aluno sem controle*”. As falas transparecem um desejo de que a escola deve se colocar na posição disciplinadora, como era na época da sociedade disciplinar. É consenso entre os autores que discutem o tema da indisciplina e disciplina, que a indisciplina é algo colocado sobre o educando, mas que também não pode ser dissociada da sua relação com a escola, a família, a sala de aula e a sociedade. A indisciplina segundo eles é um processo, algo que vem se transformando e não se apresenta e nem se conceitua de forma única, mas, ao contrário, são diferentes visões.

A Escola 12 de Março é o nome fictício de uma escola estadual central no município de Campos dos Goytacazes, onde seus funcionários afirmam ter mais de cem anos e que nesses anos, tem sua história marcada por rupturas. Uma das rupturas é a própria história da escola, pois a data de fundação não é confirmada, embora o Projeto Político Pedagógico da escola data do ano de 1911. Devido à localização, atende a alunos vindos de distritos. A escola carece de reformas, nesses dois anos (2013-2014) de pesquisa nenhuma reforma foi feita. Escolhi a escola 12 de Março para os estágios (1-4) pela localização e horário das aulas de sociologia, depois fui me interessando pela escola e permaneci nela para a pesquisa.

Este trabalho pretende abordar os enunciados de indisciplina encontrados na referida escola. Meu objetivo é refletir sobre as visões de disciplina e indisciplina defendidas pelos atores sociais da Escola 12 de Março, procurarei compreender qual a necessidade das disciplinas e se as mesmas existem seguindo o modelo de escola disciplinar do início do século XIX, sabendo que esta possui traços característicos da sociedade disciplinar do XVIII-XIX e se essas visões contribuem para a formação de estereótipos. Como metodologia de análise, eu utilizei a Análise do Discurso – onde ao decorrer do texto, muitos termos surgem. Trabalhei com entrevistas semi-estruturadas com alunos do ensino médio tarde e seus professores, coordenação pedagógica, direção, e os funcionários de apoio¹. Conversas esporádicas na escola e visita ao Conselho Tutelar de Campos e no Grupamento Ronda Escolar e observação participante.

¹ Funcionário de apoio é uma categoria que eu criei para identificar aqueles que não atuam diretamente no processo de ensino e aprendizagem, não atuam dentro da sala de aula, sendo guardas, coordenadores de turno – inspetores de alunos... Dentre outros.

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.

**2. APRESENTANDO A POLIFONIA DA INDISCIPLINA DENTRO DA ESCOLA
12 DE MARÇO**

A partir das entrevistas, pude perceber que as falas caminhavam para uma possível categorização; desse modo, construí categorias, onde pude agregar as falas.

Quadro 1 – Significados dados a Indisciplina pelos atores do processo de ensino e aprendizagem do Colégio 12 de Março².

Nomenclatura da Categoria	Tipos de Atos
Afrontamentos	Incompreensão de princípios de convivência, bagunça, atrapalhar o ensino, comportamento inadequado e fazer arte.
Falha na Educação Familiar	Algo negativo, coisa feia, forma como foi educado, falta de interiorização correta da educação familiar e falta de educação.
Ir contra regras/normas/ordens	Não cumprimento de regras pré-estabelecidas por instituições e estado de desordem.
Desinteresse	Falta de dedicação, ser faltoso, ter notas ruins, falta de seriedade, falta de compromisso e falta de motivação (Professor e aluno).
Ruídos	Falar na hora da explicação e falar palavrão.

Fonte: Entrevistas com professores, alunos, diretores, coordenação pedagógica e funcionários de apoio do Colégio 12 de Março em 2014.

Quadro 2 – Significados dados à disciplina pelos atores do processo de ensino e aprendizagem do Colégio 12 de Março.

Nomenclatura da Categoria	Tipos de Ato
Regras/Ordens/Normas	Regras internalizadas, conjunto de regras, estado de ordem, segurança para o aluno, uso

² Entrevistas com alunos, Professores e funcionários da Direção, Coordenação Pedagógica, Guardas, Biblioteca e Coordenação de Turno no ano de 2014.

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.

	do uniforme, cumprir com estatutos da direção e obedecer ao horário.
Adequação do comportamento ao ambiente	Comportamento adequado, bom comportamento, convenção social, respeito, autocontrole, educação, não conversar em aula e ser uma pessoa ideal.
Interesse	Comprometimento, dever pronto, dedicação aos estudos, atenção nas aulas, não faltar, estudar em casa, assistir às aulas, inteligência, responsabilidade e cumprir com os estudos.
Não uso de Tecnologias	Sem usar o celular, sem ouvir música,

Fonte: Entrevistas com professores, alunos, diretores, coordenação pedagógica e funcionários de apoio do Colégio 12 de Março em 2014.

As categorias unem atos que possuem semelhanças, podemos perceber nove grandes enunciados dentro da cenografia escolar.

2.1. CIRCULAÇÃO

A circulação é considerada problemática, pois deve o aluno estar sentado dentro da aula, no campo de visão dos olhos controladores da escola. (BORGES, 2004). Sair sem autorização que é um dos problemas mais acusados dentre as indisciplinas do colégio 12 de Março.

O movimento de alunos é algo comum e constante, a não ser quando não estão presentes na escola. Em uma terça-feira à tarde, fiquei observando a entrada dos alunos: Antes do sinal indicativo de início das aulas, um grande aglomerado de alunos conversando em frente à grade que dá acesso aos dois andares de salas de aula. O primeiro sinal foi dado, grades abertas e alguns – poucos – alunos entraram. Mais alguns minutos, grande movimentação e novamente outro sinal; mais uns poucos alunos entram. Se a sirene tem por objetivo demarcar o início das aulas, por que os alunos não entram em suas salas, após o toque da mesma?

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.

Os coordenadores de turno são responsáveis por “colocar” os alunos em sala. E também por tirar-lhes da sala quando se está no intervalo. É complexa a relação com o espaço. Os alunos são obrigados a permanecer em sala durante as aulas e proibidos de ficar no pátio, mas na ausência do professor e no intervalo, são obrigados a ficar no pátio, não podendo estar em sala.

Percebo nesse contexto uma característica com a sociedade disciplinar: Os espaços são quadriculados e funcionais, mudando de acordo com a cenografia do momento. Foucault (1999) vê a disciplina como sendo também a distribuição dos indivíduos no espaço.

O espaço aparece quadriculado – cada um no seu lugar e em algum lugar definido para se evitar grupos e confusões. Organizando o espaço para que se controle – saber onde se está e o que está fazendo. Os lugares são determinados não só para vigiar e interromper comunicações, mas para se criar utilidade (FOUCAULT, 1999, p.169-170). Não se pode sair no colégio 12 de Março, sem que seja permitido, é necessário saber onde e o que está fazendo esse aluno que sai da sala.

A circulação não aparece nas respostas do que entendem disciplina e nem do que entendem indisciplina, mas quando perguntei sobre as possíveis regras que poderiam ser destacadas³, a circulação é vista de forma positiva quando consideram que poderia ter a permissão de sair durante o intervalo para “*comprar lanche*”. Os alunos não podem sair da escola sem autorização e só saem quando terminam as aulas ou em caráter excepcional devidamente autorizado pela direção.

2.2. O USO DA TECNOLOGIA EM SALA DE AULA

O uso da tecnologia torna-se indisciplina, quando se tem um celular ou algum aparelho eletrônico ligado e em funcionamento sem autorização, em sala de aula. Desde a massificação dos aparelhos eletrônicos (segunda década do século XXI), a escola nunca mais foi a mesma e na ausência de discussão sobre o assunto, tem-se regras e proibições⁴.

A tecnologia tem sido considerada uma grande vilã das escolas atuais. O que mais se houve são questionamentos a cerca da presença de celulares e outros eletrônicos dentro

³ A pergunta realizada foi: Existe algum código de postura para professores e alunos? O que poderia ser destacado no código?

⁴ LEI Nº 5453, DE 26 DE MAIO DE 2009 - “Dispõe sobre a proibição do uso de telefone celular e outros aparelhos nas escolas estaduais do estado do Rio de Janeiro. (NR)”.

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.

das salas; estariam roubando a atenção dos alunos e prejudicando o andamento do ensino e aprendizagem. Quando perguntados sobre o que seria disciplina, o *não uso do celular* reaparece; para ser um aluno disciplinado não se deve usar o celular nas aulas e nem ouvir música.

O que se percebe com toda essa problemática é um conflito geracional. Por geração utilizo o conceito de Forquin (2003), que afirma que o conceito de geração vai muito além de nascer em mesmo período, é ter modelagens, influências e desenvolvimento em contextos comuns, compartilhar uma “consciência de geração”. Dentro de uma mesma geração pode haver grupos diferentes que compõem as unidades geracionais (MANNHEIM, apud FORQUIN, 2003, p. 5).

No Colégio 12 de Março além das diferentes gerações, temos as diferentes unidades geracionais, são alunos e funcionários de diferentes contextos envolvidos num processo de ensino e aprendizagem que tende a ser uno e não tem levado em consideração as mudanças ocorridas ao longo dos séculos. É um saudosismo de gerações anteriores que não percebe a transformação da sociedade, um não desejo de renovação. Não se discute sobre essa inserção das tecnologias dentro das salas, mas ao contrário criam-se regras que acabam por não solucionar.

Uma lei estadual de 2009 proíbe o uso de celulares e eletrônicos dentro das escolas estaduais do Rio de Janeiro, a norma é exposta por todo o colégio, mas na prática não se aplica. Professores mais jovens não se importam com tal uso, em várias aulas de sociologia vi alunos com seus celulares em mãos, ouvindo músicas, acessando a internet, enviando mensagens e o professor, ciente de tal uso.

Quando perguntados sobre quais regras poderiam ser destacadas⁵, o uso do celular reaparece, entretanto, não como proibição e sim possibilidade, onde se pede que seu uso seja permitido em sala como meio de comunicação com os pais. O colégio atende a muitos alunos distritais⁶ e por estarem longe de casa o uso do celular seria benéfico como necessidade de se manter informado com pais e familiares, caso fosse necessário.

2.3. DESINTERESSE

⁵ A pergunta foi: Existe algum código de postura para professores e alunos? O que poderia ser destacado no código?

⁶ Categoria que descreve alunos que residem em distritos.

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.

Confesso que essa categoria muito me intrigou, um aluno pode ser indisciplinado por não se interessar em acumular para si capital cultural (BOURDIEU, 1979, P. 3-6).

O desinteresse como ato indisciplinado aparece nas entrevistas, no que seria indisciplinada e disciplinada e também dentro das possíveis regras que poderiam ser inseridas na escola. Observa-se então, que os atores do processo de ensino e aprendizagem consideram que o desinteresse é sim um ato indisciplinado. E o mais surpreendente é que essa visão não é algo do professor, nas entrevistas, são os alunos que afirmam que “*ser faltoso*” e “*falta de dedicação*” são atitudes indisciplinadas. Assim como “*atenção nas aulas*” e “*inteligência*” são colocadas pelos alunos como a definição do que seria um aluno disciplinado. O que percebo é que os alunos reproduzem enunciados de seus professores e pais, mesmo que esses enunciados possam estigmatizá-los.

Garcia (2010) chama atenção para observarmos a indisciplinada além da observação do contexto muito além da falta de interesse dos alunos, Garcia (2010), vê a possibilidade de que a indisciplinada possa advir de um currículo que não pensa o aluno real.

Trevisol e Lopes (2008) vêm a indisciplinada também como resposta a aula desestimuladora, não desafiante. A escola não estaria atendendo as satisfações do aluno em seu contexto histórico.

Mas é Amaral (2000) que percebe em sua entrevista que o aluno ideal – para 59,9% dos professores – deveria também ser crítico e inteligente e a indisciplinada entra ao lado do desinteresse com 68,1% como obstáculo intransponível, a pesquisa apontou também que 48,7% dos alunos afirmam que a sua indisciplinada ocorre devido a aulas chatas, com professores nervosos. Assim a indisciplinada é uma resposta ao comportamento do professor.

La Taille (1996) vê que a indisciplinada pode ser derivada da descrença na importância da escola, todavia nenhum dos autores aponta a indisciplinada como desinteresse do aluno no aprender.

Para Lajonquière (1996), a indisciplinada consiste em várias atitudes, não é homogênea. Todavia, considera que ela existe dentro de um certo conjunto, daquilo que fugiria ao aluno ideal, partindo das respostas dos atores. Se ser disciplinado é “*ser comprometimento*”, “*ter dever pronto*”, “*dedicação aos estudos*”, “*atenção nas aulas*”, “*não faltar*”, “*estudar em casa*”, “*assistir as aulas*”, “*inteligência*”, “*responsabilidade*” e “*cumprir com os estudos*”, o comportamento indisciplinado poderá ser exatamente o contrário, como “*não querer estudar*”, “*ser faltoso*” “*ter notas ruins*”.

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.

2.4. RUÍDOS

O ruído se dá quando o problema é o barulho do aluno. Independente da situação é problemático, sendo necessário silenciar o responsável pelo incômodo.

No colégio 12 de Março o desejo de silenciamento é visível, discurso que abre a possibilidade para confusões. Ter o silêncio como alvo é característica da sociedade disciplinar (séculos XVIII e XIX) que Foucault (1999) bem descreveu. Neste contexto, a sociedade disciplinar não era necessário a fala, ao contrário, a fala era compreendida como empecilho ao aprendizado. A postura da escola sobre a fala dentro da sala de aula da escola 12 de Março segue o mesmo discurso, há um repúdio visível à fala, os estudantes são sempre “*os falantes*”, “*turmas barulhentas*”.

Passos (1996) inicia seu artigo (*A indisciplina e o cotidiano escolar: novas abordagens, novos significados*) com uma descrição de uma sala de aula, onde não se espera o tão sonhado silêncio: “Havia muitos sons: o som de crianças circulando de um grupo para outro, o som da conversa entre eles, o som dos materiais que manipulam, o som do beijo estalado que a professora acabara de dar em uma das crianças.” (PASSOS, 1996, P.117)

Passos (1996) afirma que o trabalho pedagógico não necessita ser um ato silenciado em que somente o professor fala, ensina e o aluno “sujeito que aprende” quieto. Mas é a sala de aula ambiente de trocas, “emergir de falas”, “movimento”, “rebeldia”. Na escola presenciada por ela, era o contrário que se via: uma sala com alunos falantes, agitados; e toda a agitação e falas faziam parte do próprio trabalho pedagógico. Era necessário que se fizessem trocas, que conversassem e chegassem à conclusão do trabalho. A agitação dos grupos era prova de que o trabalho estava sendo feito e não símbolo de rebeldia.

Embora não tenham afirmado o silenciamento como disciplina, ele é um discurso comum dentro do colégio: os alunos são “*barulhentos*”, “*principalmente as meninas*”⁷.

2.5. AGRESSÕES

A agressão é quando a indisciplina é uma violência física ou verbal. A agressão é muito confundida com a indisciplina. O conceito de disciplina por vezes é associado a um

⁷ Nunca me explicaram o porquê de as meninas serem mais barulhentas, talvez por estarem em maior quantidade dentro do colégio.

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.

ato de agressão. Guimarães (1996) vai questionar essa associação. Para a autora a indisciplina é um ato contrário à disciplina. Disciplina seria uma ordem imposta ou livre para o bom funcionamento de um dado ambiente. Indisciplina seria então essa desordem sobre o bom funcionamento. E violência seria o uso da força num ato violento. Em sentido jurídico, a violência é provocada por uso da força, constrangimento físico ou moral. Assim, a agressão não é algo intrínseco da indisciplina, mas pode um ato de indisciplina gerar alguma violência. O que se percebe é uma constante ambiguidade entre os dois termos (indisciplina e violência) que acabam por serem cunhados juntos.

Um destaque de Guimarães (1996) é o fato de ela considerar a própria instituição como violenta. Neste sentido, ela utiliza de Maffesoli (Apud Guimarães, 1996, p.74) o termo social e sociabilidade. O *social* é o ambiente do *dever ser*, das instituições que regem como devemos nos portar, local da identidade precisa. Já a *sociabilidade* é o ambiente do *querer ser*, onde os indivíduos desempenham diversos papéis – atividade profissional e tribos. É na sociabilidade que se abre espaço para o pluralismo, é da ordem do provisório e fluído.

As instituições são ambíguas, pois tem o *dever ser* e o *querer viver* onde não se perde a individualidade em meio ao coletivo. As instituições – com o *dever ser* – não veem as diferenças nos indivíduos, controlam e manipulam, rompendo violentamente com a sociabilidade. As instituições dominam e utilizam de violência no cotidiano, as tensões ocorrem quando o *querer viver* se impõe a essa dominação. Indisciplina aparecendo então como resistência.

Na visão de Guimarães (1996) temos uma indisciplina positiva, onde aparece como resistência à ação violenta da escola sobre o indivíduo, quando não respeita sua especificidade – seu *querer viver*, mas do contrário manipula, domina e controla.

Mas quando a escola se enrijece, aplicando uma lei única para todos os casos, o coletivo se desestrutura porque as discordâncias, deixando de ser objeto de negociação, enfraquecem os vínculos da trama social e começam a ser tratados por especialistas. O diretor passa a depender, por exemplo, dos peritos (policiais, bedéis, orientadores, psicólogos etc.) que utilizam da força física, moral e/ou psicológica para conter o movimento da violência. Contudo, a ação desses peritos será pouco eficaz, porque quando a violência não é eliminada, ela assume outras modulações e rompe regularmente, trazendo à tona tudo que foi rejeitado. (GUIMARÃES, 1996, P.80)

Esse trecho de Guimarães (1996) consegue descrever bem a situação da escola 12 de Março, pois mesmo com poucos casos de agressão (seis casos, quatro registrados no

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.

livro de ocorrências, um que presenciei e outro que a agente de leitura contou-me até o ano de 2014), ainda assim vê-se grande aparato a fim de que a violência não ocorra e se ocorrer seja rapidamente controlada. São profissionais: Policiais Militares do Projeto PROEIS⁸, Guardas Civis Municipais do Projeto Ronda Escolar⁹, Orientadores pedagógicos e educacionais, Coordenadores de turno e inspetores, há também elementos estruturais como câmeras, corredores, grades e muros altos. Características que Foucault (1999) também destacou quando falava da sociedade disciplinar.

2.6. AFRONTAMENTOS

O afrontamento é quando a indisciplina origina de diferentes mentalidades, podendo haver confusão sobre as atitudes e falas. Os confrontos morais podem também advir de conflitos geracionais.

A “moral e os bons costumes” são elementos cobrados e lembrados por professores e funcionários. É um discurso de uma unidade geracional anterior ao dos alunos do colégio. São pessoas que já possuem mais de 40 anos e tiveram sua socialização num contexto marcado por correções e castigos constantes. Trazem em si um saudosismo: havia “*mais respeito*”, “*antigamente não era assim*”.

Aquino (1996) também percebe o saudosismo nas falas, onde a disciplina é vista como castigo e penalidade. Havendo uma idealização do aluno dominado perpassando as mudanças na sociedade, já que eram fortes os discursos da sociedade disciplinar analisada por Foucault (1999).

A indisciplina aparece então como resposta do sujeito histórico aos valores desatualizados e a não modernização da escola; mostrando a necessidade de uma mudança na configuração da escola. A indisciplina aparece como resistência aos moldes arcaicos.

Para Araújo (1996), a indisciplina está associada à moralidade. Se a regra imposta for imoral, a indisciplina pode ser sinal de autonomia do sujeito e assim não é imoral o indisciplinado, do contrário, imoral é o professor que deseja aplicar tal regra.

2.7. IR CONTRA REGRAS

⁸ PROEIS - Programa Estadual de Integração na Segurança – Onde a Policiais Militares contribuem com a segurança escolar.

⁹ Grupamento Ronda Escolar (GCM) – programa municipal, onde a Guarda Municipal contribui para a segurança escolar e organiza palestras de acordo com o contexto escolar.

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.

As duas últimas categorias tem em si certa similaridade; pois existem os problemas de convivência derivados de quebra ou falha de informação a cerca de normas e regras. Lorenzoni, Carginin, Gerhardt, Arenhardt e Rempel (s/d) vêem indisciplina dentro do contexto escolar como algo que preocupa, pois os alunos não têm controle. Dessa maneira a disciplina ajudaria nas relações. Todavia as regras disciplinares deveriam ser construídas dentro da sala, com os alunos – para maior comprometimento e participação dos mesmos. Por estes autores a disciplina aparece como forma positiva, dizendo respeito à necessidade de viver junto, regras necessárias a convivência pacífica de diferentes indivíduos.

Na escola 12 de Março, o que se tem de regra pública – digo pública no sentido de expostas em cartazes, legitimadas por leis reafirmadas pelos funcionários – é a proibição do uso do celular dentro das salas e dentro da escola. E ainda assim essa regra é constantemente desobedecida e nem sempre punida. E o uso também dependerá da personalidade do professor. Nas aulas em que acompanhei os alunos estavam sempre com seus celulares até mesmo em dias de prova. Ouviam música, trocavam torpedos, jogavam... Uma situação que me chamou atenção foi uma *selfie* no meio da aula: um grupo composto por cinco meninas arrumavam-se, ajeitavam os cabelos, organizaram-se e então vários *flashes!* Fotos no meio da explicação da matéria! E elas não se incomodaram nem com o fato de estarem de costas para o professor, ou o fato de que eu também as observava.

O uso do uniforme (camisa, calça ou saia e tênis) é algo que se imagina, pois em momento algum é conversado com alunos, entretanto, se vão de bermuda (e o conceito do que é bermuda ou short depende da interpretação do porteiro) podem não entrar na escola; o mesmo se aplica ao uso de sandálias abertas e chinelos em lugar do tênis. E também não pode ser uma regra muito rígida, pois as moças que estão grávidas não podem mais usar aquelas calças jeans apertadas – que antes usavam, e nem o uniforme que acaba ficando pequeno. Nesses dois anos em que estive frequentando a escola pude perceber que o uso do uniforme não é tão rígido assim.

O desacato que é considerado crime com multa e reclusão, por exemplo, nunca foi se quer comentado na escola nesses dois anos em que a frequento. Mesmo sendo algo que já esteve presente. Esses três exemplos nos mostram como é complexa a relação que se faz com as regras, pois espera que os alunos as respeitem sem que as mesmas lhes sejam

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.

apresentadas. E cabe reafirmar que as regras são contextuais e dentro da escola elas podem ser modificadas de acordo com a situação.

O que percebo é que a escola espera que essas regras já venham internalizadas nos alunos, venha de sua casa ou mesmo da mãe (muitos afirmaram que a disciplina originava-se da mãe) e em contrapartida os pais esperam que a escola tornem seus filhos civilizados e educados. Assim enquanto uma instituição espera pela outra – ao invés de juntas trabalharem – os alunos ficam imersos a confusões e ambiguidades.

3. CONCLUSÃO

Todas as categorias acima descritas caminham para um modelo de aluno não existente, um modelo ideal que não se encontra no contexto prático da escola. Esse modelo de aluno silencioso, docilizado e passivo do período industrial, não mais atende à educação na modernidade. Seria necessário que a escola se modernizasse com a sociedade, acompanhando suas transformações. Hoje com constantes inovações tecnológicas, num mundo mais conectado, a escola deveria se atualizar, ou que teremos é uma série de controvérsias e ambiguidades dentro da escola que contribuirão para confusões e fraseologias como a que sempre escutei “*antigamente os alunos eram mais educados*”, o que não é verdade porque antigamente o contexto permitia que o comportamento do aluno se enquadrasse no modelo, mas com as mudanças ocorridas não se pode mais usar aquele mesmo modelo.

Não se pode dissociar a indisciplina do contexto em que ela se dá, pois para cada escola há uma regra e, mesmo dentro da escola, há possibilidade de zonas de interação com diferentes regras.

Há uma aproximação de sentido que os atores interiorizam por indisciplina e das práticas reconhecidas como indisciplinadas e disciplinadas. Na entrevista, quando perguntados sobre o que seria indisciplina, os atores do Colégio 12 de Março tiveram respostas próximas das regras que consideram como importantes¹⁰. Pode se perceber certa unidade nas respostas, pois eles afirmaram como regras importantes:

“Princípios éticos com outros e com o patrimônio; necessidade de regras contra bagunças; regras para se prestar atenção nas aulas; Uniforme completo, camisa e

¹⁰ A pergunta feita foi “O que poderia ser destacado no código?” – lembrando que este código é o código de regras do colégio.

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.

tênis; Permissão para sair no intervalo para “comprar coisas”; Uniforme escolar e pontualidade; Contra bagunças, atrapalhar o andamento das aulas, e o professor; Respeito ao próximo; Proibir a entrada de bermuda curta e não proibir o namoro; Proibir a entrada usando short; Não proibir o uso dos celulares – comunicação com os pais.” (Respostas encontradas nos questionários)

O que se percebe é uma exaltação de uma particularidade da escola, que além da educação básica formar para a vida, para o trabalho e cidadania (ECA, 1990) deve ela também disciplinar o aluno, docilizá-lo, torná-lo mais controlado. A visão que se tem de educação e ensino é mesclada a disciplinarização. Por isso o disciplinamento é constantemente aclamado e se mobiliza todo um sistema de peritos (GIDDENS, 1991) para combater a indisciplina.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Cleonice Maria Torrens do. A (in) disciplina em sala de aula - o papel do professor. *Acta Scientiarum* 22(1):135-140, 2000. ISSN 1415-6814

AQUINO, Julio Groppa. A desordem na relação professor-aluno: indisciplina, moralidade e conhecimento. In. _____. *Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1996. 149 p.

ARAÚJO. Ulisses Ferreira de. Moralidade e indisciplina: uma leitura possível a partir do referencial piagetiano. In. _____. *Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1996. 149 p. P. 103-116.

BORGES, Juliano Luis. Escola e disciplina: uma abordagem foucaultiana. *Revista Urutágua, Maringá*, nº. 5, 2004. Disponível em: <http://www.urutagua.uem.br/005/05edu_borges.htm>. Acesso em 07. Ago. 2011.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 - Estatuto da Criança e do Adolescente

BOURDIEU, Pierre. Os Três Estados do Capital Cultural. In. _____. *Escritos de Educação / Maria Alice e Afrânio Catani (organizadores) – Petrópolis, RJ: Vozes, 1999, 2ª edição. pp. 71-79.*

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.

CUNHA, Maristela. Ronda Escolar retoma atividades junto às escolas da rede pública. Disponível em: <www.campos.rj.gov.br/exibirNoticia.php?id_noticia=19972>. Acesso em 12. Dez. 2013.

ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Collecção de Leis, resoluções não sancionadas, decretos, deliberações e portarias do Governo. 1900. Petropolis, Typographia da Papelaria Jeronymo Silva, 1901.

FORQUIN, Jean-Claude. Relações entre gerações e processos educativos: transmissões e transformações. Congresso Internacional Co-Educação de Gerações. SESC São Paulo. Outubro/2003.

FOUCAULT, Michael. Terceira Parte – Disciplina, Capítulo I – Os corpos dóceis. In._____. Vigiar e punir: nascimento da prisão; tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1999. 288p. p.117-142.

Disponível em: <ftp://ftp.unilins.edu.br/leonides/Aulas/Ci_ncia%20Pol_tica%20-%20I/Foucault%20-%20Vigiar%20e%20Punir.pdf> . Acesso em 05. Out. 2013.

GARCIA, Joe. *Indisciplina e crise de confiança na relação professor-aluno* - Trabalho apresentado no XV Seminário Internacional de Educação, 2010. Disponível em: <www.sieduca.com.br/2010/admin/upload/122.doc> Acesso em 12. Fev. 2014.

GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade* /Anthony Giddens; tradução de Raul Fiker. – São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GUIMARÃES, Áurea M. Indisciplina e violência: a ambiguidade dos conflitos na escola. In. _____. *Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1996. 149 p. P. 73-82.

LAJONQUIÈRE, Leandro de. A criança, “sua” (in)disciplina e a psicanálise. In. _____. *Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1996. 149 p. P. 39-58.

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.

LA TAILLE, Yves de. A indisciplina e o sentido de vergonha. In. _____. Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996. 149 p. P. 09-24.

LORENZONI, Rosilâne de Lourenço; CARGNIN, Elisane Scapin; GERHARDT, Márcia Lenir; ARENHARDT, Simone; REMPEL, Terezinha Leiza. Disciplina escolar. S/L. S/D.

MAINGUENEAU, Dominique. Os termos-chave da Análise do Discurso. Tradução de Maria Adelaide P. P. Coelho da Silva. Lisboa. Gradativa. 1997. 112p.

MESQUITA FILHO, Odilon Pinto de. Lingüística III : teoria da análise do discurso - Letras Vernáculas - EAD, módulo 3, volume 4 / Odilon Pinto de Mesquita Filho. – [Ilhéus, BA] : UAB/ UESC, 2011. 230p.

ORLANDI, Eni P. Análise de discurso – princípios e procedimentos. São Paulo: Pontes, 2002a.

PASSOS, Laurizete Ferragut. A indisciplina e o cotidiano escolar: novas abordagens, novos significados. In. _____. Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996. 149 p. P. 117-128.

TREVISOL, Maria Teresa Ceron; LOPES, Anemari Luersen Vieira. A (in)disciplina na escola: sentidos atribuídos por profissionais da educação. In: Congresso Nacional De Educação – Educere, 8.; Congresso Ibero-Americano Sobre Violências Nas Escolas – Ciave, 3., 2008, Curitiba. Anais. Curitiba: Champagnat, 2008. P. 22-34.